

CASA-NOVA, Maria José M. **Etnografia e produção de conhecimento: reflexões críticas a partir de uma investigação com ciganos portugueses**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. 2009. 224 p.

Edmara de Castro Pinto<sup>1</sup>

A presente obra intitulada “**Etnografia e produção de conhecimento: reflexões críticas a partir de uma investigação com ciganos portugueses**”, de autoria de Maria José Manso Casa-Nova, faz parte de uma investigação mais alargada desenvolvida no âmbito de uma etno-sociologia da educação, da cultura, da etnicidade e do trabalho, tendo em vista que a autora, ao longo de sua carreira acadêmica, sempre se dedicou ao estudo do que poderia se designar como objetos científicos marginais dentro das Ciências Sociais, nomeadamente os estudos de gênero (feminino) e de minorias étnico-culturais. Com efeito, Casa-Nova possui mais de três dezenas de trabalhos científicos publicados em oito países, incluindo livros, capítulos de livro e artigos científicos nos domínios da etnicidade, gênero, educação intercultural, imigração, diversidades e políticas sociais.

A obra, que foi financiada pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, (ACIDI) por meio do Gabinete de Apoio às Comunidades Ciganas (GACI), constitui parte da sua tese de doutorado em Antropologia Social defendida em 2008, na Universidade de Granada, na Espanha. O tema Central da obra é refletir, do ponto de vista socioantropológico, sobre o uso e a construção do conhecimento com grupos minoritários a partir do método etnográfico. Como observa San Román ao prefaciar a obra: “el interés central de esta socióloga de la Educación es precisamente todo aquello que se relaciona con los procesos de enculturación y socialización, desde la familia y la

<sup>1</sup> Professora Substituta da Universidade Federal do Piauí- (UFPI-Campus Parnaíba). Mestra em Ciências da Educação pela Universidade do Minho, (UMINHO-Portugal). Licenciada em Pedagogia pela UFPI. Pesquisadora do NEPEGECI-UFPI. Maria José Manso Casa-Nova, de nacionalidade Portuguesa, é professora auxiliar da Universidade do Minho, (Braga-Portugal), do Instituto de Educação, lotada no Departamento de Ciências Sociais da Educação. É Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Granada e Mestre em Ciências da Educação com especialização em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade do Porto. Coordenadora Adjunta do Núcleo de Educação para os Direitos Humanos (NEDH-IEUM).É também Investigadora do Centro de Investigação em Educação (CIED).  
E-mail: edmaracastro@hotmail.com

comunidade vecinal hasta la escuela pública y las políticas públicas portuguesas” (p.9)

A Introdução e a primeira parte do livro dão conta de refletir sobre a escassa produção científica e marginalização dos estudos sobre/com ciganos no que se refere a estudiosos da área em nível de Portugal. Casa-Nova explica que os estudos sobre os ciganos passaram a ser alvo de interesse, porque se constituiu num problema social para o “Outro”, justificados pela inserção deste grupo sociocultural (os ciganos), no convívio social, em bairros de habitação social habitados por população não cigana, o que ocasionou a dificuldade de relacionamento. Aqui se pode supor que a autora se inspira nas ideias de Stoer<sup>2</sup>, pois este autor evidencia que é necessário considerar os processos culturais dos indivíduos e que urge promover uma educação para a inter/multiculturalidade (ver STOER 1992, 1994). Neste caminho, em outro trabalho (CASA-NOVA, 2002), a autora trata da conceituação do termo “Educação Inter/Multicultural”. Assim:

Quando falamos em educação inter/multicultural queremos com esta expressão significar uma educação que contemple a diversidade cultural em termos de classes sociais, etnias e gêneros e, dentro de cada uma destas categorias, a diversidade proveniente das particularidades culturais e de formas de apropriação individuais dos saberes escolares e não escolares, de contextos e de processos. Esta educação intercultural deverá, então, no nosso entender, ter subjacente uma ‘abordagem não sincrónica’ (McCarthy, 1994), que nos sugere a possibilidade de os grupos minoritários, na sua relação e interação com instituições económicas, políticas e culturais, não revelarem sempre a mesma postura, necessidades, interesses ou expectativas, sendo, portanto fundamental deixarmos de olhar e tratar cada classe social, etnia ou gênero como blocos homogêneos, uniformes, mas antes como entidades culturais cujas relações sociais são complexas, contraditórias e não paralelas. (CASA-NOVA, 2002, p.110).

Assim, levantamos a hipótese de que ainda há um longo cami-

2 Stephen Ronald Stoer é uma referência Internacional na área de Políticas Educativas. Licenciou-se em 1975 na Universidade de Londres, onde três anos mais tarde concluiu também o mestrado em Ciências da Educação. Realizou doutorado na Open University de Inglaterra, em 1985. Foi orientador de mestrado de Maria José Manso Casa-Nova, que desenvolveu dissertação com o tema “Etnicidade, Gênero e Escolaridade

nho a percorrer para que se construa uma educação intercultural onde as culturas das minorias étnicas, possam ser oficialmente reconhecidas, tanto na prática, como no currículo escolar. Na perspectiva da autora, “[...] a partir do momento em que se considere a existência de uma cultura oficial escolar, o máximo de igualdade que a centralidade desta permitirá não será mais do que a emergência de centralidades culturais periféricas ou de marginalidades culturais pontualmente consideradas no currículo-padrão” (CASA-NOVA 2005, p. 203).

Com efeito, a obra contempla diversas temáticas, contudo é agrupada em duas partes, a Parte 1, intitulada “Aproximações ao conhecimento da Realidade: Abordagem Metodológica”, constitui-se em um manual minucioso sobre a aplicação do método etnográfico, na investigação de elementos pertencentes a um grupo sociocultural específico, Os ciganos, e da construção de conhecimento que aqui deriva, descrevendo e problematizando o trabalho de terreno e as formas de construção desse conhecimento (p. 15). A parte 2 intitulada “Cultura Cigana e Processos de Reprodução e Produção Cultural”, a autora faz uma breve resenha sócio-histórica dos ciganos em Portugal, no sentido de fazer um retrato “em andamento” das características culturais de uma comunidade cigana.

No que concerne aos sujeitos de sua investigação, a autora estudou cinco famílias com uma ascendência comum, constituindo 55 agregados familiares nucleares, totalizando cerca de 190 indivíduos entre os quatro meses e os 86 anos, dos quais apenas 11 têm mais de 50 anos.

Na segunda grande temática da obra, a partir da página 125, Casa-Nova se debruça muito especificamente na descrição detalhada das famílias pesquisadas. Contempla a caracterização das várias dimensões culturais vividas nas famílias, as estruturas das famílias, os casamentos do tipo endogâmicos, exogâmicos, mistos, questões inerentes à adoção de uma criança não cigana, as regras do casamento dito ideal, dentre outros.

A atenção especial da autora recai para a questão da subordinação feminina e a dominação masculina, a força-fragilidade da mulher, as formas e a circulação da dominação das mulheres pelos homens e, por outro lado, uma modalidade de resistência das mulheres expressa de forma oculta.

Na esteira desta dimensão, mais uma vez Casa-Nova dá seu contributo inovador, criando dois novos conceitos (dominação subor-

dinada e subordinação subordinante). Conceitos estes que nos fornecem subsídios para compreender a complexidade nas relações de dominação/subordinação entre gêneros existentes na comunidade cigana estudada. Aprofunda-se ainda a analisar a organização social e política da comunidade, a viuvez e o luto no homem e na mulher e o embelezamento do corpo feminino. São muitas singularidades e especificidades da comunidade que são estudadas, contribuindo para um conhecimento alargado, oferecendo aos possíveis leitores, um aprofundamento amplo das vivências cotidianas e formas de organização cigana.

Sua grande referência sociológica neste trabalho remete-se ao francês Pierre Bourdieu. Percebe-se que Casa-Nova utiliza com muita destreza a sociologia deste autor, criando seus próprios conceitos (criação do “habitus étnico e “lugares de etnia”). O “habitus étnico”, em referência ao Habitus Social de Bourdieu, e os “lugares de etnia”, inspirados nos lugares de classe de Erik Olin Wright, nascem de evidências empíricas da autora, e é elaborado a partir do conhecimento de “uma diferenciação intra-étnica” dentro do que designa de Habitus composto.<sup>3</sup>

Segundo a autora, sua investigação revela que estas comunidades, estes sujeitos atores, aparecem com uma importância marginal e marginalizados “nos níveis mais baixos da hierarquia social, contribuindo assim para a sua própria marginalização sociocultural, mas simultaneamente para a sua manutenção enquanto grupo diferenciado” (p. 204). É, nesse sentido, que as considerações finais da obra, são retratadas pela autora como “Considerações finais em torno da diferença”. Nesta parte final, Casa-Nova reitera que viver juntos e partilhar os mesmos espaços de trabalho, de educação escolar e de sociabilidade, implica uma aceitação do “Outro”, sendo que ainda é visível na sociedade portuguesa práticas incompatíveis com os direitos de cidadania, expressas em comportamentos de cariz racista, no que podemos fazer uma rápida analogia aos conceitos de Opressor e Oprimido preconizados por Paulo Freire. A sociedade opressora que segrega, exclui, domina e inferioriza e o oprimido, aquele que sofre a opressão ao ser considerado diferente, resultante de uma sociedade que lhes nega a prática de direitos de cidadania, sendo sua cultura inferiorizada.

<sup>3</sup> Habitus composto segundo a autora representa um distanciamento crítico de certas práticas e percepções culturais do grupo étnico, mas não a perda da identidade cultural (p.192).

Consideramos que é tarefa da sociedade como um todo buscar a superação desta forma de inferiorização. Fazemos coro com a indagação de Casa-Nova: Serão as diferenças inconciliáveis pela percepção de sua incomensurabilidade?

Casa-Nova chama a atenção para os sujeitos-atores analisados, em várias categorias de análise, seu excelente trabalho traz ainda a produção de conceitos, de forma relevante, que permitem uma perspectiva analítica, associados aos seus anteriores trabalhos (CASA-NOVA 2001, 2002, 2003, 2008) e que possibilitam uma leitura da realidade face a parte do grupo sociocultural cigano português.

Nesse sentido, a obra se reveste de extrema importância para todos, considerando que este grupo cultural, assim como tantos outros são marginalizados na sociedade, principalmente no âmbito escolar, cujas representações sociais os condenam e os constitui num estatuto desfavorecido, subordinado. Como refere a autora, “[...] um fechamento dentro de uma determinada imagem socialmente construída: são problemáticos, barulhentos, porcos, agressivos, mal-educados, sem respeito pelos outros...Em suma, todos parecem saber como eles são, mas poucos convivem efectivamente com eles” (p. 195).

A obra, objeto da presente resenha, oferece ao leitor uma oportunidade de inteirar-se com a postura etnográfica da autora, fornecendo contributos para a compreensão sociológica de um problema complexo e multidimensional, ao passo que o objectivo do trabalho de Casa-Nova, que podemos considerar ambicioso, contribui para o conhecimento de formas e processos de construção das dimensões da cultura cigana e da (re)produção dessa cultura, compreendendo os sentidos dessa reprodução e produção cultural para o próprio grupo. De fato, esta obra é um presente para todas as pessoas, principalmente educadores e sociólogos, em face da diversidade étnica e Cultural presentes nas escolas e na sociedade como um todo. Vislumbramos o reconhecimento destes sujeitos para além da pertença em um “grupo sociocultural”, de modo que sejam compreendidas suas identidades, suas representações, anseios e singularidades, concebendo-os como sujeitos sociais capazes de transformar positivamente a realidade na qual estão inseridos.

Corroboramos Casa-Nova quando, no último parágrafo de sua obra, sublinha ser esse reconhecimento, uma das Utopias que falta concretizar para que cada sociedade, em cada momento sócio-histórico, “[...] se construa moralmente da forma mais abrangente possível,

perspectivando o “Outro” como um elemento cujo lugar de pertença, possa ser (também) aquele que, de forma livre ou constrangida, se tornou o seu lugar de (con)vivências.” (p. 209).

### Referências

CASA-NOVA, Maria José M. **Etnicidade, género e escolaridade:** estudo em torno das socializações familiares de género numa comunidade cigana da cidade do Porto. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional, 2002.

\_\_\_\_\_. (I)migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 13 (47), 181-216, 2005.

LES  
UFPI / CCE  
LINGUAGENS, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

RESUMOS